

# A “FÓRMULA DO HORROR À RUSSA” NA BELLE ÉPOQUE BRASILEIRA

*Bruno Barretto Gomide\**

**Resumo:** Quando leitores de todas as partes do mundo descobriram a literatura russa em fins do século dezenove, freqüentemente associaram-na a noções de contraste e de excesso. Este trabalho apresenta brevemente alguns textos (narrativas pseudo-russas, fantasias literárias, ensaios) publicados no Brasil do fim de século e da *belle époque* e marcados pela tonalidade patética.

**Palavras-chave:** Literatura russa, literatura comparada, Dostoiévski, *belle époque*, melodrama.

**Abstract:** When readers all over the world discovered Russian literature in the end of the Nineteenth Century, they frequently linked it with notions of contrast and excess. This article briefly discusses some texts (pseudo-russian narratives, literary phantasies, essays) published in fin-de-siècle and *belle époque* Brazil and marked by such pathetic tonality.

**Keywords:** Russian literature, comparative literature, Dostoevsky, *belle époque*, melodrama.

— 1 —

Do Japão ao Uruguai, passando pelos centros decisórios do sistema literário internacional, a grande novidade de meados da década de 1880 foi a descoberta em bloco dos romancistas russos. O *boom* do romance russo a partir daqueles anos foi o primeiro caso de atribuição de um sinal positivo a uma literatura vinda da periferia cultural européia: graças a estratégias editoriais pujantes e a um esforço crítico extremamente bem-sucedido, leitores, críticos e ficcionistas mundo afora logo viram naqueles artistas, vindos de paragens tradicionalmente consideradas infensas às coisas do espírito, formas de ruptura na literatura e novas modalidades de junção entre moral e estética<sup>1</sup>.

---

\* Professor Doutor na Área de Língua e Literatura Russa do Departamento de Letras Orientais da FFLCH – USP.

1. Um panorama desse boom pode ser encontrado no segundo capítulo de GOMIDE, Bruno. *Da Estepe à caatinga: o romance russo no Brasil (1887-1936)*, 2004.

Essa grande novidade literária, que gerou respostas das mais criativas e radicais na crítica e na ficção, veio acompanhada de lugares-comuns que, em parte, foram responsáveis pelo êxito social daquela “nova” literatura e pela correlata transformação da Rússia em um cenário simbolicamente válido nas discussões sobre arte e cultura finisseculares. Em especial, ganhou corpo a idéia de uma *alma russa*, ou de certos traços nacionais estáveis, creditáveis à mesologia ou a fatores psicológicos, traços obrigatoriamente associados *ao excesso e a extremos*. São caracterizações que se encontram em alguma medida na tradição intelectual russa, mas que ganharam força de lei em certas camadas da recepção ocidental, e associaram a Rússia, seus escritores, cada texto que estes produziram, a uma espécie de exótico lugar da *desmedida* e da *não-civilização*, para o bem ou para o mal. Profundidades insondáveis e arroubos místicos: nessa acepção, o *pathos* deslizava com freqüência para o patético mais ardente, envolvendo a literatura russa em significados próximos ao êxtase religioso.

Olhando em retrospecto, Mário de Andrade abespinnhou-se com o *intermediário francês* através do qual o romance russo se difundira nas últimas décadas do século XIX, e quis resgatar a *energia primitiva* existente na literatura russa, comparável, a seu ver, com certas potencialidades da cultura brasileira. Considerava que o “gosto absorvente pela Rússia” de Paul Morand era sintoma de decadência, de cansaço e da fadiga da França em seu habitual papel civilizador.<sup>2</sup> No entender de Mário de Andrade existe um núcleo dostoiévskiano que evidentemente é produtivo para as discussões literárias, fundamental, até, para as direções da arte moderna, mas que tem que ser permanentemente escoimado de lugares-comuns. Tendo em mente o surrealismo, Mário afirma: “Os franceses estão fazendo do subconsciente o que fizeram da psicologia de Dostoiévsky quando começaram a usar uma fórmula do *horror à russa*, outra do abismo psicológico, outra da simultaneidade dos sentimentos contraditórios.”<sup>3</sup> O brasileiro faria considerações similares em outras duas ocasiões. Em 1935, lamentava a “moda Dostoiévski” e a “moda russa” postas em circulação pela França.<sup>4</sup> Na segunda edição de *Compêndio de história da música* (1933), aludiu à “moda russa que ridiculamente tomou o mundo desde a última década do século passado”, apêndice indesejável da difusão do gênio musical de Mússorgski e da “escola russa”. O interessante é que a primeira edição do compêndio de Mário, publicado quatro anos antes, trazia a mesma passagem, porém sem o “ridiculamente”. Este foi uma das adições feitas na revisão da edição

2. ANDRADE, Mário de, resenha do livro “L’Europe galante”, de Paul Morand, ago. 1925.

3. ANDRADE, Mário de, resenha da revista “Estética n. 3”, ago. 1925.

4. ANDRADE, Mário de, “Decadência da influência francesa no Brasil” (1935), 1993.

posterior.<sup>5</sup> Na virada da década de vinte para a de trinta, cresceu a impaciência do escritor com o tributo que Paris exigia da cultura russa.

— 2 —

Os paroxismos do que se considerava faticamente a “alma russa”, envolvida em mistérios estetizados, foram facilmente adaptados pelas tendências culturais do fim de século e da *belle époque*. Assim o comentarista “Fantasio”, da *Cigarra*, anunciava a presença, no Rio de Janeiro, de um telepata de nome russo, “(...) cuja terminação em *off* já traz em si um grande mistério, como tudo quanto é russo”.<sup>6</sup> E o texto informativo de *Leitura para todos* sobre o lançamento de uma edição francesa das *Notas do subsolo* proclamava que os leitores certamente se assustariam com os “contrastos impressionadores de ferocidade e compaixão” encontrados na referida obra.<sup>7</sup>

Feita a transformação da Rússia e de sua literatura em *topos* vitalista ou decadente, literatos dos primeiros anos do século vinte prodigalizaram uma série interminável de variações sobre o tema. Veja-se esta extensa citação do quintessencial polígrafo Tomás Lopes:

*Antes da guerra com o Japão, a Rússia tinha um raro encanto aos olhos de uma geração nova, dominada pelo Evangelho de Tolstoi, comovida pelo gênio de Dostoiewsky, embalada pelas doces lendas de Pouckine, de Tourgueneff, de Gogol, de Kropotkine, de Gorky, afastada do modo de sentir da Raça Latina no Brasil pelo muito que lia, que pensava, que sonhava nas literaturas do Norte da Europa e nas filosofias exóticas. E havia também a paixão do desconhecido: Moscou, por exemplo, era uma cidade verdadeiramente santa; S. Petersburgo um hino ao poder maravilhoso do Imperador; e ao mesmo tempo uma gracilidade da neve e das formas brancas. Do Rio de Janeiro ninguém sabia ou queria saber. Pouco importava que o Pão de Açúcar desabasse e se afogasse; o essencial era que as Ilhas do Neva (que nem um de nós conhecia) continuassem a ser um ponto elegante no inverno. Lembro-me mesmo que uma vez encontrei o Paulo Barreto (nesse tempo ainda não era o brilhante João do Rio) muito nervoso por ter lido numa revista mal informada a possível destruição dos jardins de Peterhoff. Pouco antes tinha caído, vencido por um machado ignaro, e lembrado apenas pelos Cronistas o Baobá gigantesco da Praça da Glória.*<sup>8</sup>

5. ANDRADE, Mário de, *Compêndio de história da música*, 1933, 2a ed., pp. 144 e 145; ANDRADE, Mário

6. FANTASIO (pseud. Olavo Bilac). “Crônica”, 4 jul. 1895.

7. “Livros Novos”. *Leitura Para Todos*, abr. 1909. Trata-se provavelmente da edição *Le sous-sol. Roman suivi de deux nouvelles inédites*. Paris, Fasquelle, 1909. Tradução de J.-W. Bienstock.

8. LOPES, Tomás. *Histórias da vida e da morte*, 1907, pp. I-II.

O comentário sobre a deliquescência nevrótica gerada em torno da cultura russa não impediu o autor de enfileirar, na seqüência do mesmo livro, alguns contos (*Histórias da vida e da morte*, comentados adiante) que são desenvolvimentos da “gracilidade da neve e das formas brancas”. Do mesmo modo, a condessa de Tarnowska, evocada por Gilberto Amado, já está devidamente codificada na chave finissecular das “belas damas sem misericórdia”, de psicologia inescrutável e capazes de atos extremados:

*Há individualistas e socialistas, cristãos e ateus, divididos nas suas doutrinas, mas aproximados por essa singularidade: todos detestam a mulher. De Tolstoi a Dostoiewski não há deparar exceções. Não só na Rússia, mas nos outros países setentrionais o mesmo sentimento domina entre romancistas e dramaturgos. Todos encarnam na mulher a origem do mal; dão-lhe instintos de fera, insensibilidades mórbidas, extravagâncias grotescas (...) Que sedução não será a desses músculos ágeis de cobra onde a energia fagulha; que maravilha a desses olhos sinistros de opala fria; desses gestos ante os quais a vontade dos homens abdica como diante de uma ordem divina!*<sup>9</sup>

Em tempos de amor ambíguo, eis o romance russo conforme apresentado por Mario Praz: Nastássias Filípovnas, filhas dos caminhos ocultos de Poe e Baudelaire e netas do Marquês de Sade.<sup>10</sup>

Enquetes galantes também eram locais adequados para a inserção de feixes da literatura russa. Entre 1916 e 1917 a revista *Seleta* fez uma série de “reportagens confidenciais” com senhoras e senhoritas da sociedade fluminense. O quesito “escritores prediletos” (havia também flor, cor, principal defeito, traço característico do caráter, sonho de felicidade, etc.) traz várias menções a Tolstói. Laura Correa Hasslocher, uma das entrevistadas, não cita nenhum romancista russo. Entretanto, à pergunta “a minha divisa”, responde solenemente: “*Nitchevo!*” – “nada”, em russo.<sup>11</sup> Divisa sem dúvida tributária do “niilismo”, construto filosófico-político atribuído aos russos desde as agitações sociais amplamente acompanhadas pela imprensa ocidental nas décadas de 1870-1880, mas que aqui ganha sobretons de artificialismo estético.

9. AMADO, Gilberto, “Vênus fulva” (1910). Em: *A Chave de Salomão e outros escritos*, 1914, pp. 62-63. Amado referia-se a certa nobre russa que cometeu um crime em Veneza. O acontecimento foi relatado em: “O mês no estrangeiro – uma tragédia eslava em Veneza”. *Leitura para todos*, mar. 1910. Na mesma linha, Amado escrevia sobre o “individualismo violento”, de inspiração nietzscheana e “cujos antecedentes literários andam pelas obras de Dostoiewski, pela tragédia dannunziana Piu che l’Amore (...)”. AMADO, Gilberto, “Crime e Suicídio”, 1914, p. 83.

10. Cf. PRAZ, Mario. *A carne, a morte e o diabo na literatura romântica*, 1996, especialmente pp. 282, 307-308 e 310.

11. HASSLOCHER, Laura. “Reportagens confidenciais”, 4 nov. 1916.

*Seleta* publicou ainda uma fictícia fantasia epistolar entre três mulheres, que consiste numa suma da conexão frenética entre romance russo e “alma russa”. “Renata” é carioca, mas nunca saiu da capital, “Maria da Graça” é a provinciana e “Magdala” é a esteta decadente. Mora num palácio em Florença “a sorrir o seu sorriso triste” e a dispensar conselhos sobre, entre outras coisas, literatura russa, da qual é sacerdotisa-mor. A “remessa” de missivas começa quando Renata solicita a Magdala mais noções sobre os pré-rafaelitas. Em troca, promete-lhe:

*(...) uma copiosa leitura dos russos. Ensaiei um pouco o teu Gorki e não me dei mal com ele... Mas não me peças os anarquistas sem literatura, por Deus! Ainda ontem dois senhores da Academia Brasileira trocaram tão furiosamente idéias sobre eles, aqui em casa, que acabaram por já não saber mais quais eram as próprias asneiras e atribuíam-se reciprocamente as que afirmavam no começo da discussão. Resultado: a abertura dos nossos salões foi um fiasco.*<sup>12</sup>

Magdala felicita a amiga pela aproximação com o evangelho russo:

*Tu me pareces disposta a grandes leituras, e eu te felicito por isso. E também porque não queres saber dos anarquistas russos, sem literatura, embora não saiba o que entendes por isso. Todo o anarquismo russo, Renata, é literatura. O anarquismo russo sem literatura é o errante sem pão, sem lar, abandonado à neve, aos ursos das estepes, e que mal percebe o que os grandes anarquistas – Dostoiewsky, Tolstoi, Gorki... – lhe dão em páginas que nunca ele deverá ler. Hei de te falar mais tarde, noutra carta, da alma russa, da alma triste e dolorosa do Eslavo. Perceberás melhor o anarquismo russo através de um perfil dessa gente que eu amo tanto, e em cujo convívio eduquei a minha emoção de americana nos trópicos. Prometeste-me a sério uma copiosa leitura dos Russos. Prometo-te, por minha vez, muitas sensações russas, que vivem na minha alma de iniciada na Grande Religião...*<sup>13</sup>

Maria da Graça, por sua vez, entra na conversa e se torna mais uma adepta da doutrinação russa de Magdala:

*Queres saber o que eu li? – as Vidas dos Santos e O Crime e o Castigo de Dostoiewsky! Papai não gostou de me ver agarrada ao terrível romance; disse que, com a minha mania de ler tudo, eu terminarei no hospício. Os pais não gostam das filhas muito inteligentes! É uma verdade, minha amiga...*<sup>14</sup>

Na carta seguinte, Renata faz uma pausa nas profundezas russas e fala do clima do Rio, dos malefícios do sol para a pele e da desgraça de não poder usar peles no clima tórrido. Na seqüência, Magdala retoma a sua missão e dá a entender que o amor pela literatura russa nasceu em uma temporada passada no país:

12. “Cartas femininas”, 9 jun. 1915.

13. “Cartas femininas”, 16 jun. 1915.

14. “Cartas femininas”, 23 jun. 1915.

*(...) A minha alegria de retornar a Florença e a minha tristeza de abandonar a Santa Rússia dos meus encantos, nem t'as posso dizer!*

*Com certeza isso não pelo prazer que eu tivesse em escutar a todo o momento milhares e milhares de bocas a entoarem, num patriotismo religioso, o Bojê Tsara Krani! Silni dero jarni, stsar stouvyna slavouna slavounam... que é, nestes tempos de sangue e de destruição, o hallali com que aquele povo de alma mística investe contra as hostes inimigas... Nem porque a felicidade de me encontrar novamente em Florença seja menor. Às vezes cuido explicar o que vai em mim, numa cisma que me diz que eu poderia sentir ainda mais Florença, se os meus quinze meses de Rússia fossem trinta, sessenta, fossem mais... Contudo esses poucos meses já me bastaram para encontrar uma Florença diferente daquela outra que eu vira, apenas com os olhos de... ocidental.(...)*

*A paisagem só exprime o que existe em nós, na nossa alma. Ainda me lembro da sensação que me deu o primeiro crepúsculo do Neva... Havia uma cruz e o pope ia abençoando aquelas cabeças em contrição. Entretanto o que os meus olhos deveriam ter visto: alguns vaporetts arrepelando as águas que rebrilhavam; a silhouette de uma ponte e uma multidão de operários que ia a recolher.<sup>15</sup>*

Magdala voltaria à carga em cartas subseqüentes, mas, no começo de 1916, a revista pôs fim a esses eflúvios da alma russa e encerrou a série das cartas “russas”.

### — 3 —

Era comum trazer tais *topoi* de excesso e desmedida com coloração russa às onipresentes “fantasias” literárias de inícios do século vinte. Algumas misturam temas do repertório político “niilista”, referências ao romance russo e procedimentos do simbolismo e do decadentismo. Em “Decadência”, Coelho Neto relata a vida de duas princesas, uma alemã, outra russa, ambas caídas na miséria. As agruras dessa última desafortunada são tecidas à imagem e semelhança da “Krotkaia de Dostoiewsky”,<sup>16</sup> trazida para o miolo da narrativa como referencial para uma situação que beira o melodrama. Talvez Coelho Neto tivesse em mãos a edição da Plon traduzida por Halpérine-Kaminsky em 1886, da qual constava, além de *Krotkaia*, o arqui-sentimental *L'arbre de Noel* e seus extremos de patético (existentes em Dostoiévski, reforçados pela tradução/adaptação).<sup>17</sup>

Outra situação-limite é apresentada na trajetória folhetinesca do aventureiro “Steelman”:

15. “Cartas femininas”, 7 jul. 1915.

16. NETO, Coelho, 1925, p. 74.

17. BOUTCHIK, V, *Bibliographie des ouvres littéraires russes traduites em français*.

*Na Rússia, Steelman comprometeu-se no niilismo, aliando-se, em pacto tremendo, com os impulsivos do otchaiane. Fez-se apóstolo da regeneração, adorou o mujik e preparou uma bomba que explodiu à beira de linha férrea dois segundos depois da passagem dum trem imperial e, uma tarde, à margem do Neva, depois dum conflito, foi espezinhado por um esquadrão de cossacos ficando sobre a neve, com o corpo em pandarecos, e uma costela a pedir solda.*<sup>18</sup>

Uma palavra enigmática exige explicação. “Ottcháianiiie” (“desespero”) foi definida no ensaio O romance russo, do visconde francês Eugène-Melchior de Vogüé, texto de 1886 que foi a pedra de toque da recepção crítica da literatura russa no ocidente, como a espécie de paixão dolorosa (*passion doloieuse*) que seria o fundamento das narrativas dostoiévskianas. É através desse termo russo que o crítico francês busca definir aquela qualidade excessiva, especialmente visível na composição das personagens e em sua complexa psicologia, que impressionou tantos leitores de Dostoiévski:

*A maioria destas naturezas pode ser reduzida a um tipo comum: excesso de impulsividade, a otcháianiié, este estado de coração e de espírito para o qual me esforço em vão para encontrar equivalente em nossa língua. Dostoiévsky analisa-o em muitos pontos: É a sensação de um homem que, do alto de uma torre elevada, debruça-se sobre o abismo aberto e experimenta um frisson de volúpia ao pensar que poderia atirar-se de cabeça para baixo. Mais depressa, e terminemos! ele pensa. Às vezes são pessoas bastante calmas e comuns que pensam assim... O homem encontra gozo no horror que inspira aos outros... Estende sua alma em um desespero frenético, e este desesperado pede o castigo como uma solução, como qualquer coisa que “decidirá” por ele.*<sup>19</sup>

O imaginário da *belle époque*, altamente favorável aos surtos nevróticos do romance russo, confirmava que os textos de Dostoiévski estavam sob a égide do *ottcháianiiie*, numa simbiose entre a consciência desarranjada então atribuída aos eslavos, a deliquescência mórbida decadentista e a força normativa da psicopatologia criminal. O mesmo ponto já havia, aliás, atraído a atenção de um dos primeiros resenhistas da literatura russa no Brasil. Em 1888, o gaúcho Germano Hasslocher comparou as *Recordações da casa dos mortos* com *A carne*, de Júlio Ribeiro, e viu na volúpia do servo chicoteado delineada naquela primeira obra justamente o “excesso de impulsividade” a que Vogüé se referia.<sup>20</sup> Segundo o francês, as *Recordações da casa dos mortos* estavam eivadas de exemplos de *ottcháianiiie*: a morte de Mikhailov e a história do “velho-crente, de conduta exemplar, que lança

18. NETO, Coelho, 1925, p. 346.

19. VOGÜÉ, Melchior de, 1888, p. 227.

20. HASSLOCHER, Germano, 1888.

uma pedra ao comandante unicamente para ser passado pelas varas, ‘para sofrer o sofrimento’”.<sup>21</sup>

Um curioso conjunto de contos “pseudo-russos” – narrativas escritas com temas e personagens russas, tentando de alguma forma reproduzir o efeito da “nova” literatura – escritos nos primórdios do século vinte nos ajudará a continuar o percurso.

A existência de temas russos na literatura ocidental antecede o boom do romance de Dostoiévski e Tolstói em fins do século dezenove. Balzac escreveu uma “novela russa”, narrativas românticas fizeram dos eslavos bons selvagens e a aliança franco-russa, dos anos 1870 em diante, montou obras e mais obras a partir de estereótipos da vida russa. O folhetim firmou sólido e duradouro pacto com o “tema” russo; cossacos deram colorido a incontáveis romances de aventuras.<sup>22</sup>

Embora seja difícil separá-la completamente dessa tradição, há uma forma de narrativa pseudo-russa umbilicalmente dependente do *boom*, em que aparece a marca dos novos temas críticos e dos romances recém-aparecidos.

O próprio Melchior de Vogüé, *primus inter pares* da crítica receptiva ao romance russo, não resistiu à tentação e escreveu novelas pseudo-russas. Reuniu-as no volume *Coeurs russes*.<sup>23</sup> O visconde tentou recriar a modulação turgenieviana, apresentando caçadores e servos imersos em melancolia senhorial. Arriscou também uma estória semi-gótica, com enforcamentos e indivíduos aparentemente mortos que ressuscitam. Ou seja, aqueles momentos excessivos que o leitor, segundo o jovem bacharel Clóvis Bevilacqua, escrevendo pioneiramente sobre Dostoiévski em 1889, tinha que fazer “esforços terríveis para suportar”.<sup>24</sup>

*Contos e Crônicas* (1922), de Felício Terra, e *Histórias da vida e da morte* (1907), de Tomás Lopes são exemplos brasileiros desse micro-gênero. Os contos que os compõem foram publicados originalmente nos primeiros anos do século vinte. Felício Terra (pseudônimo de Nuno de Andrade) publicou seus “pseudo-russos” durante a guerra russo-japonesa. A polaridade maniqueísta gerada pelo evento será um dos muitos elementos melodramáticos presentes nos contos. O autor não faz a menor questão de esconder que a Rússia – e, mais do que ela, a

---

21. VOGÜÉ, Melchior de, 1888, p. 227. Um comentário sobre o “otcháianiie” está em BACKÈS, Jean-Louis, “*Le Roman russe et l’esthétique du roman*”, 1989, p. 30.

22. Para uma compilação extensa de temas russos na Inglaterra, dos primeiros contatos elizabetanos até romances de espionagem da Guerra Fria, cf. CROSS, Anthony, *Under western eyes, 1517-1825*, 1971; do mesmo autor, *The Russian theme in English literature, from the sixteenth century to 1980*, 1985. Na América Latina, cf. SCHANZER, Georges, *Russian literature in the Hispanic world: a bibliography*, 1972.

23. Uma delas foi publicado na revista Primeira, a 10 abr. 1929, com o título “O tempo da servidão.”

24. BEVILAQUA, Clovis, 1889.

autocracia russa – é um vilão digno dos piores momentos de Eugene Sue. O Japão, por sua vez, é um herói de alma pura.<sup>25</sup> Para pintar o quadro, Terra valeu-se das “negras cores da indignação e do asco” empregadas pelo “solitário Isnaia (sic)”<sup>26</sup> para descrever o despotismo russo.

As narrativas tratam de acontecimentos e personagens ligados ao conflito de 1905, ou a episódios da perseguição aos “niilistas” dos anos recentes. Quase todos os contos são cenas de tribunal ou de cárceres subterrâneos.<sup>27</sup> Em “Madame Stoessel”, a mulher do comandante caído em desgraça após a derrota naval confronta o conselho de juízes tiranos, culpa a tirania russa “e despedaçando o vestido para mostrar o flanco desnudado em que os cacos de metralha gravaram extensa cicatriz vermelha, gritou, pela terceira vez – Stoessel!”. A atitude surte o efeito típico das reviravoltas melodramáticas: “Todos baixaram as pálpebras. Aquela cicatriz irradiava como um sol, e os farrapos do vestido brilhavam como auréolas”.<sup>28</sup> “No calabouço” apresenta a mesma situação: o encontro folhetinesco entre uma princesa e o assassino de seu marido, vítima de bomba niilista. Crime e castigo: o bandido andrajoso, à beira de virar nobre, e a princesa, tornando-se aos poucos prostituta misericordiosa, entabulam conversa improvável sobre a intensidade dos respectivos sofrimentos. O preso faz longo discurso sobre a brutalidade da autocracia, prostra-se aos pés da princesa e pede-lhe perdão pelo ato nefando. Reproduz, enfim, a “religião do sofrimento”, noção que Melchior de Vogüé, a partir do encontro entre Raskólnikov e Sônia, situou no cerne do universo dostoiévskiano, e assim a transformou em uma das intervenções críticas mais decisivas jamais escritas.

O tema da prostituição, numa narrativa banhada do início ao fim de *ottcháianiie*, está explícito em “Lina, de Moscou”. Novamente, juiz e acusada estão frente a frente. Lina era acusada de ter assassinado quatro soldados. Quando da captura, “fora surpreendida a beijar um punhal, com fervor de alucinada, talvez com requintes de alucinada, talvez com requintes de carniceira”. Lina, cujas mãos “tremiam, como

---

25. Para não deixar dúvidas, veja-se, resumidamente, como ele descreve Oyama, o líder militar japonês: “(...) brando, profundamente religioso, admiravelmente estóico; insensível ao medo e bravo por temperamento; clemente, justiceiro e sábio; (...) esmolero, sensitivo, artista, às vezes poeta, crente inabalável da supremacia asiática do Japão e nas magnificências da futura vigília mongólica; (...) misto de matemático e de teólogo, de taumaturgo e de aventureiro (...)” TERRA, Felício, *Contos e crônicas*, 1922, pp. 156-157.

26. Idem, pp. 171-172. O autor refere-se de forma arrevesada a Tolstói.

27. Livros como os de Stepniak pintavam quadros terríveis das prisões russas, e é certamente a essas referências que Terra se voltava quando compunha seus contos.

28. TERRA, Felício, op. cit, p. 23.

se o frio do aço houvesse provocado estranhas crispações de gozo”,<sup>29</sup> sentia a volúpia do martírio, identificada por Vogüé no homem prestes a arremessar-se ao chão e no velho-crente supliciado pelo chicote siberiano. E também atribuída por Gilberto Amado aos “músculos ágeis de cobra” da condessa Tarnowska, que era, lembremos, a “mais estranha alma de mulher que jamais conheceram os narradores de melodramas”. Lina, contudo, matou-os porque haviam atentado contra sua pureza, lançando-a no meretrício. A revelação é suficiente para desconcertar o magistrado e torná-lo presa da nevrose:

*O juiz aproximou-se da desventurada, e insensivelmente tentou despedaçar as algemas com as unhas. Queres fugir, filha? – inquiriu o juiz, rangendo os dentes e com as pupilas enormemente dilatadas, como as do agonizante. Queres fugir, mártir? Perguntou ainda o juiz, colando os lábios febris nas mãos geladas da assassina. (...) O juiz inteiriçou o corpo, distendeu os músculos num largo espreguiçamento felino, tomou o punhal de Lina, deu um grito de desespero e correu, delirante, pelo corredor afora...*

*- Quero matar o grão-duque... quero reabilitar a dignidade humana... quero vingar o infortúnio da Rússia...*

*E brandia o punhal, com a fronte gotejando suor, os cabelos hirtos, a boca cheia de espuma... Estava louco.*

As *Histórias da vida e da morte* de Tomás Lopes contêm narrativas de temática diversa; as “russas” estão agrupadas na seção “Páginas mascaradas”, que o autor, conforme o prefácio deixa transparecer, considerava o eixo do volume. O experimento não foi publicado em edição obscura: veio a lume pela Garnier, que, aliás, editou outras obras do autor. Morto precocemente, em Paris, Lopes deixou número considerável de livros publicados. Totalmente esquecido nos dias de hoje, não se trata, pelo menos no que diz respeito à circulação de seu nome entre os contemporâneos, de um pobre-diabo de bulevar.

O prefácio, assinado de Paris, oferece pequeno relato dos meandros da composição e publicação das composições pseudo-russas. Os ventos vindos da capital francesa trouxeram a “influência eslava”<sup>30</sup> da religião do sofrimento e animaram Lopes a redigir, em outubro de 1902, o primeiro dos contos russos (“Dúvida”), sob pseudônimo de “Ivan Kalganov”.

A presença de extremos, de extração melodramática, fica visível já no título do volume e de suas seções: vida e morte, gelo e sol. E a idéia da máscara, inscrita na seção dedicada aos russos, remete ao emblema máximo da “imaginação

29. Idem, p. 300.

30. LOPES, Tomás, *Histórias da vida e da morte*, 1907, p. II.

melodramática”, tal como foi mapeada por Peter Brooks.<sup>31</sup> Além dessas referências, Lopes pode muito bem ter se baseado nas antíteses constantes em títulos de romances russos (*Guerra e paz*, *Crime e castigo*).

Em contraste com outros contos do livro, as narrativas russas têm em comum títulos sintéticos, que evocam o ideário simbolista: “Dúvida”, “Mistério”, “Agonia”, “Vertigem”, “Espectro” e “Febre”. Logo se vê que tratam de situações-limite, de vórtices emocionais, o que é confirmado pela leitura. São dois suicídios, assassinatos de todo tipo e um atentado político, basicamente variações de *ottcháianiie*. Os demais contos não-russos constroem ambientação fúnebre e melancólica, mas sem tamanho apreço pelo terrível e pelo impressionante; pelo *crime*, tema dostoiévskiano por excelência. Só os contos pseudo-russos conjuram recursos patéticos no último grau.

Os contos “russos” são os únicos que fazem uma modesta tentativa de experimentação literária. Ao atribuir a narração de cada um deles a um objeto específico, Lopes tenta obter efeitos de estranhamento. Contudo, a intenção promissora fica dissolvida pelo próprio autor no prefácio, em que ele se apressa a explicar o significado de cada uma das narrativas das “Páginas mascaradas” e transforma a tentativa de simbolização em mero jogo de esconde-esconde. As vozes do punhal, do revólver, da torre, do veneno e da locomotiva e da fome se manifestam por monólogos interiores, certamente inspirados nos diálogos e na consciência cindida dos personagens de Dostoiévski. Claro está, porém, que Lopes não chega nem perto disso. O que ele consegue, por vezes, é criar um símile de determinadas traduções de Halpérine-Kaminsky e de outros tradutores “amaciadores” que deram o tom à primeira leva de traduções dos russos na França.

O propósito de Tomás Lopes é emular o “gênio” dostoiévskiano, *comover e chocar* o leitor. A abertura de “Dúvida” traz o lugar-comum repetido em todos os contos: “Era uma fria noite de inverno; lá fora geava como no Pólo; e eu pensava nas criancinhas que morriam de frio e fome, hirtas e enregeladas na neve da cidade”. A opulência do aposento do “Príncipe Dievouchkine”, cheio de tapeçarias e peles, contrastava, novamente, com “as criancinhas morrendo de frio...”.<sup>32</sup> Em “Mistério”, o frio, a miséria das crianças e a perfídia da mulher, volúvel e contraditória, são elementos definidores de ambiência “russa”. Signos de que Lopes lança mão para criar um simulacro dostoiévskiano:

31. BROOKS, Peter, 1995.

32. LOPES, Tomás, 1907, p. 45.

*Oh! As incoerentes injustiças da alma feminina! Nobre e belo Dmitry Fefitchine! Se eu pudesse salvar-te! Mas como? Se eu não tenho nem vontade nem querer? Nunca lamentei tanto a minha imobilidade passiva; se eu pudesse desfazer-me e queimar-lhe o seio branco onde arfava uma doçura de rola e se encondia manhosamente um coração de víbora! Ah! Aquela mulher, que tão calma e capciosamente enterrava na terra úmida o doce Dmitry Ferfitchine, tão bom e amoroso!*<sup>33</sup>

Morto “Ferfitchkine” pelas mãos de Olga, o enterro é preparado sob clima plúmbeo: “Daqui a três dias é o enterro de Dmitry Ferfitchkine; que será de Olga? Que miséria! Que frio!”. O clima invernal, espécie de *ottcháianiie* meteorológico, serve de recurso fácil para dar cor local e caracterizar a miséria humana. Tão fácil que Lopes deixa de lado qualquer preocupação com a verossimilhança. Embora o conto seja datado de “S. Petersburgo – junho – 18++”, este é o cenário desolador do *verão* russo: “Lá fora ventava e caía a neve. Quanta gente àquela hora não acharia sabor e encanto à vida? (...) Lá fora, o vento e a neve... Que frio! Que frio!”.<sup>34</sup> Em “Agonia”, o príncipe Astafy Tvorogov manuseava seu punhal e preparava-se para cometer suicídio, com o mesmo *ottcháianiie* que apoderou-se de “Lina de Moscou”.

O apelo ao patético desbragado mantinha evidentes laços intertextuais com as traduções afrancesadas de Dostoiévski. Em 1897, o paulista *Diário popular* oferecia aos leitores versão da “Árvore de Natal.” Originalmente fragmento do *Diário de um escritor*, no contexto finissecular circulava na supracitada coletânea de novelas e contos adaptada por Halpérine-Kaminsky. Eis como se encerra a estória:

*Depois de apalpar a face de sua mãe, admirou-se de senti-la completamente imóvel e tão fria como a parede.*

*- Ah! Faz muito frio aqui.*

*Ficou ainda algum tempo junto dela; tendo sua mãozinha pousado no ombro da morta, assoprou os dedos para aquecê-los e agarrando o seu gorro que caíra, saiu às apalpadelas (...)*

*Mas em compensação fazia calor; havia o que comer; ao passo que aqui vê-se movimento, quanta gente caminha, quantos cavalos, quantos carros e sobretudo quanto frio! Ah, este frio!*<sup>35</sup>

A ligação estreita com as traduções francesas maciçamente disponibilizadas após 1883-1886 se torna ainda mais clara na escolha dos nomes e sobrenomes russos dos personagens das “Páginas mascaradas”. Tomás Lopes obteve suas

33. Idem, pp. 55-56.

34. Idem, p. 68.

35. DOSTOIÉVSKI, Fiódor M, “A árvore de Natal”, 24 dez. 1897.

informações em um apanhado de obras russas, em especial as de Dostoiévski. A começar pelo próprio pseudônimo com que publicou o primeiro dos contos pseudo-russos em O país: “Kalganov” está nos *Irmãos Karamázov*. “Tvorogov” é personagem de *La femme d’un autre*. O “Dievouchkine” do primeiro conto é protagonista de *Gente pobre* (O nome “Yestafy”, embora existente em outras obras de Dostoiévski, também está nesse primeiro romance). “Ferfitchkine” aparece em *Notas do subsolo*. “Volkonsky” pode ser Valkóvski, de *Humilhados e ofendidos* (segundo Vogüé, um “traidor de melodrama”), ou variação dos Bolkônskis de *Guerra e paz*. A caracterização dos personagens, portanto, é tributária direta da difusão de traduções estabelecida havia cerca de quinze anos.

Amparado nas novas traduções de literatura russa disponibilizadas pelo *boom*, Tomás Lopes parece seguir bem de perto a letra das considerações dos críticos literários. Em “Vertigem”, o facínora Androwitch Forfitkaia prepara-se para arremessar a esposa Catharina Vanikaia do alto da torre-narradora:

*De súbito Androwitch Forfitkaia, reunindo as suas cansadas forças de bêbado, ergueu Catharina à altura da balaustrada; houve um arrepio naquele corpo fraco que tremia, e ele, o ébrio, gozou alguns instantes o prazer de sentir aquele pavor! E eu, quieta, na minha imobilidade de tantos anos, não podia libertá-la, nem salvá-la! Os verdes olhos de Catharina estavam parados de assombro; ela adivinhava que os braços cansados do marido já não poderiam sustê-la mais tempo; era certa a sua morte, era certa a sua perdição!*<sup>36</sup>

Nada mais, nada menos do que transposição literal do *ottcháianie* tal como descrito em O romance russo – a “sensação de um homem que, do alto de uma torre elevada, debruça-se sobre o abismo aberto e experimenta um frisson de volúpia ao pensar que poderia atirar-se de cabeça para baixo (...) O homem encontra gozo no horror que inspira aos outros...”. Em *Histórias da vida e da morte* não falta sequer o contexto “niilista”, no qual Coelho Neto inseriu a desesperada palavra russa. O último dos contos de Tomás Lopes (“Febre”) narra justamente um atentado suicida ao trem do tzar Alexandre. Tentando entender as razões que haviam levado o terrorista a tal impulso, a locomotiva-narradora pergunta a si mesma, numa referência velada a Dostoiévski, “que recordações pungentes trazia ele da Sibéria”.<sup>37</sup> Recordações pungentes comovem o leitor: os contos russos de Tomás Lopes terminam onde começam os de Felício Terra – no tribunal, onde crime encontra castigo.

36. LOPES, Tomás, 1907, p. 75.

37. Idem, p. 84. Em 1879, Hartmann tentou explodir o trem do Tzar. Este acontecimento foi um dos muitos que passaram a fazer parte do repertório “niilista” mobilizado por Coelho Neto, Tomás Lopes e Felício Terra. Victor Hugo saiu em defesa do terrorista, então exilado na França.

Resenhando as *Histórias* da vida e da morte, Souza Bandeira opôs-lhes um senão muito razoável: o que havia, afinal, de especificamente russo naquilo tudo? A seu ver, nada:

*As Histórias revelam ainda o vício, tão comum entre nós, de escolher para sujeito da elaboração literária a vida artificial da sociedade europeia, conhecida através de impressões livrescas de terceira ou quarta mão (...) Estou certo de que, publicando o seu novo volume, quis apenas o autor documentar a sua tão interessante individualidade literária. Vê-se bem que não seria mais capaz de fazer um conto russo, descrevendo uma sociedade através das traduções de Tolstoi ou de Dostoievski, e analisando a psicologia de indivíduos do Catete ou das Laranjeiras, a quem apenas “russificou” os nomes e fez tomarem um “drosky” em vez do conhecido bonde.<sup>38</sup>*

Apesar disso, Bandeira via alguns méritos nos contos: estimulavam os sentidos – produziam “verdadeiros calafrios” – e faziam bom uso do vernáculo. Ou seja: um amálgama de *ottcháianiie* em pitadas com a boa e velha correção gramatical tão valorizada pelos exegetas da época. Formava-se, em suma, afinidade eletiva entre as teses de críticos como Vogüé, a nevrose atribuída à alma eslava e fetichizada pela *belle époque* e o conjunto de traduções e adaptações francesas de literatura russa.

### **Bibliografia:**

- AMADO, Gilberto. *A chave de Salomão e outros escritos*. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1914.
- ANDRADE, Mário de. Resenha do livro “L’Europe galante”, de Paul Morand. *A Revista*, ano I n. 2. Belo Horizonte, ago. 1925.
- ANDRADE, Mário de. Resenha da revista “Estética n. 3”. *A Revista*, ano I, n. 2. Belo Horizonte, ago. 1925.
- ANDRADE, Mário de. “Decadência da influência francesa no Brasil” (1936). In: *Vida literária*. São Paulo, Edusp/Hucitec, 1993.
- ANDRADE, Mário de. *Compêndio de história da música*. 2ed. São Paulo, L. G. Miranda, 1933.
- BACKÈS, Jean-Louis. “Lecture de Dostoievski en France”, *Le magazine littéraire*, n. 134, mar. 1978.
- \_\_\_\_\_. “Le Roman russe et l’esthétique du roman”. Em: CADOT, Michel (org). *Eugène-Melchior de Vogüé, le héraut du roman russe*. Paris, Institut d’Études Slaves, 1989.

38. BANDEIRA, Souza, “Thomaz Lopes – *Historias da Vida e da Morte* – 1907”, 1919.

- BALDENSPERGER, Fernand. “La part de la Russie dans l’acceptation française du subconscient en littérature”, *PMLA*, v. LXI, n. I, mar. 1946.
- BANDEIRA, Souza. “Thomaz Lopes – *Historias da Vida e da Morte* – 1907”. In: Páginas literárias. Rio de Janeiro, 1919.
- BEVILAQUA, Clovis. “Naturalismo russo – Dostoievsky”. In: *Épocas e individualidades*. Recife, Livraria Quintas Editora, 1889.
- BOUTCHIK, Vladimir. *Bibliographie des ouvrages littéraires russes traduites en français*. Paris, Messages, s/d.
- BROOKS, Peter. *The melodramatic imagination: Balzac, Henry James, melodrama and the mode of excess*. New Haven e Londres, Yale UP, 1995.
- CADOT, Michel, “Naissance et Développement d’un Mythe ou l’Occident en Quête de l’Ame Slave”. *Revue des Études Slaves*, t. 49, 1973.
- CADOT, Michel (org.). *Le Rayonnement de Tolstoï en Occident*. Paris, Institut d’Études Slaves, 1995.
- CORBET, Charles. *L’opinion française face à l’inconnue russe (1799-1894)*. Paris, Librairie Marcel Didier, 1967.
- CROSS, Anthony. *Under western eyes, 1517-1825*. Londres, Elek Books, 1971.
- DAVIE, Donald. “Mr. Tolstoy, I presume? The Russian novel through Victorian spectacles”. In: *Essays on russian and polish literature*. Chicago, The University of Chicago Press, 1990.
- DOSTOIÉVSKI, Fiódor M. “A árvore de Natal”. *Diário Popular*, n. 4420. São Paulo, 24 dez. 1897.
- EDGERTON, William B. “Spanish and portuguese responses to Dostoevskij”. *Revue de littérature comparée*, t. LV, jul./dez. 1981.
- FANTASIO (pseud. Olavo Bilac). “Crônica”. *A cigarra*, n. 9. Rio de Janeiro, 4 jul. 1895.
- FISZMAN, Samuel. “Some remarks about russian letters in France before Vogüé in the light of Merimée’s unknown translation from Pushkin”. *Indiana Slavic Studies*, n. 5. 1990.
- GOMIDE, Bruno. *Da Estepe à caatinga: o romance russo no Brasil (1887-1936)*. Campinas, Tese de Doutorado apresentada ao IEL/Unicamp, 2004.
- HASSLOCHER, Germano. “A carne”. *Diário mercantil*. São Paulo, 13 set. 1888.
- HASSLOCHER, Laura. “Reportagens confidenciais”. *Seleta*, ano II, n. 44. Rio de Janeiro, 4 nov. 1916.
- HEMMINGS, F. W. J. *The russian novel in France*. Oxford, Oxford UP, 1950.
- LOPES, Tomás. *Histórias da vida e da morte*. Rio de Janeiro, Garnier, 1907.

- LOWENTHAL, Leo. "The Reception of Dostoevski's Work in Germany, 1880-1920". In: Robert N. Wilson (org.). *The Arts in Society*. New Jersey, Englewood Cliffs, 1964.
- MUCHNIC, Helen. *Dostoevsky's english reputation (1881-1936)*. Nova York, Octagon Books, 1969.
- NETO, Coelho. *A bico de pena: fantasias, contos e perfis, 1902-1903*. Porto, Chardron, 1925.
- PEYRE, Henri. "French Literary Imagination and Dostoevsky". In: *French Literary Imagination and Dostoevsky and Other Essays*. Alabama, The University of Alabama Press, 1975.
- PRAZ, Mario. *A carne, a morte e o diabo na literatura romântica*. Campinas, Editora da Unicamp, 1996.
- Russian literature in the Hispanic world: a bibliography*. Toronto, University of Toronto Press, 1972.
- SCHNAIDERMAN, Boris. *Turbilhão e semente: ensaios sobre Dostoiévski e Bakhtin*. São Paulo, Duas Cidades, 1983.
- TEITELBAUM, Solomon M. "Dostoyevski in France of the 1880's". *American Slavic and East European Review*. v. 5, 1946.
- TERRA, Felício (pseud. Nuno Ferreira de Andrade). *Contos e crônicas*. Rio de Janeiro, Leite Ribeiro, 1922.
- TERRAS, Victor. "Dostoevsky's detractors". *Dostoevsky studies*, v. 6, 1985.
- VOGÜÉ, Melchior de. *Le roman russe*. 2ed. Paris, Plon-Nourrit, 1888.

*Sem indicação de autor:*

- "Livros novos – Le sous-sol de Th. Dostoievsky". *Leitura para todos*, ano IV, n. 38. Rio de Janeiro, abr. 1909.
- "Cartas femininas". *Seleta*, ano I, n. 2, 9 jun. 1915 – ano I, n. 12, 18 ago. 1915.